

O EMPREGO DA COMPANHIA DE FUZILEIROS MECANIZADA NO ATAQUE A UMA ÁREA FORTIFICADA

Leandro Oliveira de Souza¹

RESUMO

O Exército Brasileiro, por meio da Portaria Nº 039-EME-Res, de 8 de junho de 2010, a qual aprovou, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Batalhão de Infantaria Mecanizado apresentando, suas missões, possibilidades, limitações e a organização, está em fase de experimentações doutrinárias de emprego dos níveis pelotão, subunidades e batalhão. O presente trabalho, na intenção de contribuir com esta etapa do processo de implantação da Infantaria Mecanizada, teve por objetivo integrar conceitos doutrinários já existentes com informações científicas relevantes e atualizadas, a fim de consolidar uma proposta específica de emprego da Companhia de Fuzileiros Mecanizada no ataque a uma área fortificada. Foram realizadas pesquisas bibliográficas em manuais do Exército Brasileiro e Exército Norte-Americano que tratam deste assunto específico. A seguir, dos resultados foram exploradas todas as características comuns, deste tipo específico de confronto, que serviu de base para a formulação de uma proposta plausível que atendesse a demanda do Exército Brasileiro.

Palavras-chave: Companhia de Fuzileiros Mecanizada. Ataque. Área Fortificada.

ABSTRACT

The Brazilian Army, through Ordinance No. 039-EME-Res, June 8, 2010, which approved an experimental basis, the Doctrinal Basis of Mechanized Infantry Battalion presenting their missions, possibilities, limitations and organization, is undergoing trials doctrinal employment of the platoon, companys and battalion levels. The present work, in order to contribute to this stage of the implementation process of the Mechanized Infantry, aimed to integrate doctrinal concepts existing with relevant current scientific information, in order to consolidate a

specific offer of the Mechanized Infantry Company employment in the attack to a fortified area. Literature searches were conducted in the Brazilian Army manuals and North American Army that deal with this specific issue. After that, from the results, all the common features of this specific type of confrontation were explored, which formed the basis for the formulation of a plausible proposal that could meet the demand of the Brazilian Army.

Keywords: Mechanized Rifle Company. Attack. Fortified Area.

1 INTRODUÇÃO

A constante evolução da Arte da Guerra sempre traz novos conceitos aos exércitos de todo o mundo. Na intenção de acompanhar este fenômeno, o Exército Brasileiro (EB) promoveu a transformação de uma Brigada de Infantaria Motorizada em uma Brigada de Infantaria Mecanizada, natureza de tropa inédita no Brasil.

A inexistência de manuais aprovados de Infantaria Mecanizada e de uma doutrina já consagrada, diante desta novidade, deixa aberto o assunto a vários tipos de pesquisas. Desta forma, os modos como uma Brigada, e, por conseguinte, o Batalhão e a Companhia serão empregados taticamente nas operações ofensivas e defensivas constituem aspectos relevantes a serem estudados.

A implantação da Infantaria Mecanizada trouxe consigo alto investimento tecnológico agregado. A previsão da utilização das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal Média de Rodas (VBTP-MR), Guarani, do Fuzil IA2, combinados com um diferenciado equipamento individual, buscam adaptar e elevar o nível bélico brasileiro a patamares que atendam às exigências atuais. O conhecimento detalhado destas inovações, especialmente sobre suas características e mudanças implicadas, são considerações que provocam instantaneamente a necessidade de atualização da doutrina.

¹ O Autor é Oficial da Arma de Infantaria formado na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).



O estudo desta temática nos manuais de campanha do Exército dos Estados Unidos da América pode se revelar importante para agregar conhecimentos e servir de base no desenvolvimento de técnicas e táticas de emprego desta natureza de tropa, uma vez que o mesmo possui publicações doutrinárias oficiais e experiência em combate.

O Exército Brasileiro tem elevado a importância das operações ofensivas, afirmando que são essenciais para se obter resultados decisivos na guerra. Prescreve que a ação ofensiva inspira audácia, fortalece o espírito de corpo e motiva o combatente. Assim, mesmo durante as operações defensivas, as ações ofensivas devem ser largamente utilizadas na intenção de manter-se em vantagem em relação ao inimigo.

Forças blindadas e mecanizadas têm mostrado sua eficácia em áreas construídas em numerosos compromissos no Iraque e exibiram uma grande utilidade em outras operações curtas de guerra. O fator determinante para a sua eficácia na guerra é a forma como usá-los, não necessariamente onde (IRVINE, 2011, p. 60, tradução do autor).

A Portaria Nº 039-EME-Res, de 8 de junho de 2010, aprovou, em caráter experimental, a Base Doutrinária de Batalhão de Infantaria Mecanizado apresentando, suas missões, possibilidades, limitações e a organização. As experimentações doutrinárias a serem realizadas, com base neste documento, oportunizam a aplicação prática de conhecimentos novos produzidos em estudos científicos.

Na mesma publicação, verifica-se que, participar de ações que exijam alta mobilidade tática, relativa potência de fogo, proteção blindada e ação de choque, são possibilidades do Batalhão de Infantaria Mecanizado. Colocar-se no lugar do inimigo, ou seja, estudar como uma força oponente pode se preparar face a essas características, revela-se importante para a previsão de técnicas e táticas coerentes a serem empregadas nas mais diversas operações. Diante dessas possibilidades da tropa mecanizada e das características que apresentam uma defesa empregando áreas fortificadas, verifica-se que esta pode ser uma técnica utilizada pelo inimigo para obter vantagem em confrontos com a Infantaria Mecanizada.

As operações em áreas fortificadas, por sua natureza, apresentam características que exigem cuidados

especiais em seu planejamento e execução, com ênfase particular nas considerações relativas às técnicas e táticas em consonância com o material empregado. Analisando este contexto extraiu-se o seguinte problema: como seria o emprego de uma Companhia de Fuzileiros Mecanizada no ataque a uma área fortificada?

O presente trabalho, então, pretende apresentar uma proposta de emprego da Companhia de Fuzileiros Mecanizada no ataque a uma área fortificada, com base na doutrina experimental.

2 PROPOSTA DE EMPREGO DA COMPANHIA DE FUZILEIROS MECANIZADA NO ATAQUE A UMA ÁREA FORTIFICADA

Os manuais vigentes são as principais fontes de consulta doutrinárias, e, portanto, refletem a visão clara dos exércitos sobre o *módus operandi* que se devem conduzir as tropas nas mais diversas situações de combate. Na intenção de obter uma proposta coerente e fiel aos preceitos doutrinários em voga, numa primeira etapa, julgou-se pertinente extrair da revisão literária tudo aquilo que se apresenta comum acerca de um ataque em área fortificada. Numa segunda etapa, buscou-se explorar outros aspectos pontuais que trazem reflexos ao estudo, considerando as características peculiares da infantaria mecanizada. Como terceira etapa, buscou-se estudar as possibilidades e limitações, organização, armamentos e veículos previstos em diretriz para a experimentação doutrinária estabelecida, de forma a dar um maior alcance de detalhes a este trabalho. A partir da junção dessas etapas, a proposta foi organizada em fases para facilitar o desenvolver da apresentação.

A proposta, objeto deste trabalho, abrange desde o planejamento até a execução propriamente dita, como se vê a seguir.

2.1 Planejamento, preparação e reconhecimento

Nesta fase, revela-se fundamental um estudo de situação completo, alimentado por informações precisas de inteligência e de reconhecimento. A localização, o efetivo e a natureza de todos os núcleos de defesa; localização das seteiras e campos de tiro das armas nelas instaladas; localização de todas as entradas e saídas



dos abrigos; localização das vias de acesso cobertas; localização, efetivo e tipo da artilharia de campanha existente na região; direção de tiro das armas fixas do inimigo; extensão das fortificações subterrâneas; localização, efetivo e composição das reservas ou reforços do inimigo; localização e natureza dos obstáculos naturais e artificiais, localização e os tipos das fortificações e as brechas existentes na defesa; são dados essenciais para se buscar um planejamento eficaz que possa dirimir a vantagem defensiva do oponente. É importante a utilização de patrulhas de reconhecimento a pé para obter este detalhamento da situação do inimigo em sigilo. Devido à especificidade da tropa mecanizada, vale dizer, que vias de acesso favoráveis à aproximação dos blindados sobre rodas, também deverão ser objetos desta atividade, bem como os efeitos que o terreno, associado ao inimigo, geram no deslocamento dos mesmos.

Para o planejamento, de posse de todos os detalhes obtidos em reconhecimento, o comandante deve buscar identificar uma fraqueza na defesa, iludir o inimigo quanto à localização do ataque principal, e atacá-lo nos flancos expostos ou retaguarda. Para tal, deve tirar proveito da iniciativa, explorando o que tem a seu favor, escolhendo a hora e o local do ataque, sempre levando em conta a alta mobilidade tática, a relativa potência de fogo, a proteção blindada e ação de choque, que são peculiares da Infantaria Mecanizada, como formas de favorecer a rapidez, a dispersão e proteção aos fuzileiros, levando-os o mais perto possível do inimigo. Além disso, acidentes no terreno, abrigos especiais ou séries de abrigos, deverão ser designados como objetivos aos pelotões.

2.2 Organização das forças

A organização das forças para o ataque se resume a elementos de apoio e elementos de assalto. Os elementos de apoio, que podem ser constituídos pelas seções de morteiros e metralhadoras, são responsáveis pelo apoio de fogo, direto ou indireto, aos elementos de assalto, que buscam, através do fogo e movimento, cercar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou capturá-lo.

Os elementos de assalto podem ser divididos em grupos de assalto e grupos de flanco. Neste contexto, os seus carros de combate, normalmente proporcio-

nam apoio de fogo direto, atirando nas seteiras abertas, estando o suficientemente cerrado para dar o apoio direto em todo o desenrolar do ataque.

De acordo com a organização da Companhia de Fuzileiros Mecanizada prevista atualmente pelo EME, verifica-se a possibilidade de, pelo menos, duas formas de organizar as forças poderem ser utilizadas, a depender dos fatores da decisão do Comandante de Companhia.

Na primeira, os elementos de assalto seriam os próprios Pelotões de Infantaria Mecanizados com seus meios orgânicos; e os elementos de apoio seriam os integrantes do Pelotão de Apoio e da Seção de Comando da Companhia. Neste contexto, o planejamento e emprego do apoio de fogo das metralhadoras das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal Média sobre Rodas (VBTP-MR), Guarani, UT 30mm, com toda sua potência e tecnologia agregada, demais metralhadoras (Mtr 7,62 e Mtr .50) pertencentes aos pelotões de fuzileiros ficariam sob responsabilidade dos comandantes de pelotão, atuando somente em prol de sua respectiva fração. Já, no que se refere ao Pelotão de Apoio e Seção de Comando, estes atuariam em favor da manobra de toda a subunidade com todos os seus meios.

A segunda forma proposta seria definir como elementos de assalto apenas os fuzileiros desembarcados, deixando as VBTP-MR com suas metralhadoras, integrando, com o suporte do Pelotão de Apoio e Seção de Comando, os elementos de apoio. Nesta opção, o Comandante de Companhia teria o poder de fogo das metralhadoras dos carros de combate, atuando em proveito da manobra de toda a subunidade. Com o propósito de manter a proteção blindada e a rapidez proporcionada pelo Guarani, poderia ser estabelecido que as VBTP-MR pertencentes aos pelotões de fuzileiros, passariam a vigorar como elemento de apoio da subunidade, imediatamente após o desembarque dos mesmos para o assalto às posições defensivas.

2.3 Primeira fase da manobra

O ataque começa com um intenso fogo de artilharia e com a colocação de cortina de fumaça, se as condições forem favoráveis. Enquanto a artilharia está atirando, os itinerários são limpos de minas antipessoal, pelo emprego de granadas e outros meios. Em se-



guida, os elementos de assalto se deslocam embarcados nas VBTP-MR, aproveitando a proteção blindada dos veículos para a frente, tão rapidamente quanto possível, cobertos pelos fogos dos elementos de apoio, morteiros e metralhadoras do Pelotão de Apoio e Seção de Comando, principalmente.

Nesta fase, cuja a finalidade é reforçar os fogos dos elementos de apoio e neutralizar os fogos da defesa nas proximidades do objetivo, deve-se buscar atirar principalmente com as metralhadoras dos blindados, valendo-se da potência e de sua capacidade de executar tiro em movimento com precisão, nas posições que ameacem o movimento e sobre os elementos inimigos que estiverem fora dos abrigos.

2.4 Segunda fase da manobra

Esta fase é realizada pelos elementos de assalto já desembarcados, que progridem na direção do inimigo sob proteção dos fogos dos elementos de apoio e de suas VBPT-MR orgânicas. Sua finalidade é destruir ou reduzir os abrigos, inutilizando-os. Materiais especiais como granadas e cargas de demolição podem ser utilizadas nas seteiras e detonadas.

A fim de assegurar a execução ordenada do minucioso plano de ataque, os lanços, além de serem apropriados e frequentes, devem manter o ritmo da progressão para facilitar o controle estreito do comandante.

Durante o ataque, as armas de tiro indireto, Morteiros 81 mm do Pelotão de apoio, são empregadas para neutralizar as guarnições desabrigadas, proteger os flancos, isolar, pelo fogo, certas zonas e proteger a reorganização e consolidação no objetivo conquistado. Se houver grupos de flanco, estes dirigem seus fogos contra qualquer posição nos flancos das fortificações.

Os comandantes de grupo e pelotão devem preparar-se para a possibilidade de encontrar um abrigo, ainda não reconhecido, durante a progressão para o objetivo.

Os carros de combate dos elementos de assalto, com suas metralhadoras atiram contra as seteiras para mantê-las fechadas. Se possível, os elementos de assalto avançam sobre o terreno não batido pelos fogos das seteiras das fortificações. As metralhadoras cessam o fogo ao sinal do comandante dos elementos de assalto, ou

quando o fator segurança da tropa atacante o determinar.

Após o rompimento das fortificações, o grupo de assalto avança sobre as posições e, com granadas de mão ou explosivos, destrói a resistência inimiga. Os grupos de flanco e elementos de apoio de deslocam e cobrem rapidamente a reorganização dos elementos de assalto.

2.5 Terceira fase da manobra

Esta fase é caracterizada pelo assalto em volta dos abrigos, matando ou capturando os elementos desabrigados em suas vizinhanças, seguido da reorganização e consolidação. Os elementos de assalto são os principais responsáveis por sua execução. Assim que os objetivos são conquistados, os elementos de apoio ceram à frente para a reorganização e consolidação.

Os fatores que influem na fase de reorganização e consolidação no ataque a abrigos são os mesmos dos ataques a defesas convencionais. Se o abrigo não for suficientemente destruído, para evitar sua recuperação pelo defensor, deve ser convenientemente defendido, até que outros meios possam ser trazidos à frente para ultimar a operação.

Nesta fase, ainda, ocorre a limpeza do terreno, o aprofundamento e alargamento da brecha aberta no ataque. Os carros de combate devem ficar preparados para atirar nas prováveis vias de acesso de contra-ataque do inimigo.

Por ocasião de todas as fases descritas, o comandante de companhia deve destinar especial atenção à modernidade advinda do emprego da VBTP-MR, Guarani. A tecnologia traduzida nos equipamentos de comunicações, na potência e precisão dos tiros mesmo em movimento, na proteção blindada, na mobilidade e na velocidade, agregadas a esta moderna viatura, são aspectos que ajudam a aumentar o Poder Relativo de Combate.

O deslocamento embarcado, que oferece proteção aos fuzileiros inclusive de minas terrestres, aliado à eficiência dos disparos das metralhadoras, proporcionam uma segurança que permite maior aproximação dos elementos de assalto. A velocidade e mobilidade, aumentam a capacidade de desbordar com rapidez as principais posições defensivas inimigas. As quatro pe-



ças de morteiro 81 mm e as duas Metralhadoras 7,62 (REMAX), do Pelotão de Apoio e Seção de comando, respectivamente, agregam a Companhia de Fuzileiros Mecanizada, melhores condições de utilização do fogo e movimento na realização da manobra.

3 CONCLUSÃO

A mentalidade de constante atualização do Exército Brasileiro, somada às previsões estabelecidas na Estratégia Nacional de Defesa, de 2008, impulsionam a busca de inovações na doutrina.

As características do combate moderno, assimétrico, exigente no que se refere à rapidez, comando e controle, mobilidade estratégica e tática de emprego, vem despertando o interesse por mudanças que atendam essa realidade. É neste contexto, que a implantação da Infantaria Mecanizada surge na Força Terrestre.

Buscando a materialização dessa novidade, a Portaria Nº 041-EME-RES, de 9 de junho de 2010, aprovou as diretrizes para implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizado. No entanto, nesta referência, não se verificam estabelecidos aspectos de emprego estratégico e tático da Companhia de Fuzileiros Mecanizada.

Da comparação das missões, possibilidades e limitações da Brigada de Infantaria Mecanizada e do Batalhão de Infantaria Mecanizado estabelecidas na Base Doutrinária, com aquelas preconizadas nos manuais das brigadas, batalhões e regimentos mecanizados, motorizados e blindados, verifica-se como possibilidade de emprego o ataque da Companhia de Fuzileiros Mecanizada contra uma área fortificada.

Analisando a doutrina vigente das tropas brasileiras de infantaria e cavalaria, no que se refere ao ataque contra uma área fortificada, valor unidade e subunidade, foi possível notar muitos aspectos doutrinários comuns, a despeito das peculiaridades de cada uma delas. Essa constatação balizou o presente trabalho, na busca de uma proposta coerente com a doutrina oficialmente em vigor.

Objetivando o fortalecimento da proposta por meio da verificação de uma doutrina estabelecida e já empregada da infantaria mecanizada, foi realizada uma pesquisa na doutrina de emprego norte-americana.

O desenvolver da proposta apresentada teve um enfoque mais evidente no planejamento. Portanto, sugere-se um aprofundamento do assunto sob a ótica da execução propriamente dita do ataque de uma Companhia de Fuzileiros Mecanizada a uma posição fortificada.

Por fim, é necessário que se coloque a proposta deste trabalho em discussão e, preferencialmente, que ela seja experimentada doutrinariamente, com a finalidade de forjar e consagrar oficialmente uma doutrina de emprego que atenda os desafios do combate atual, ao mesmo tempo em que seja realista com as possibilidades e limitações existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. BRASIL. Exército. Portaria nº 038, de 8 de junho de 2010. Aprova, em caráter experimental, a base doutrinária de brigada de infantaria mecanizada, e dá outras providências.2010.
2. BRASIL. Exército. Portaria nº 039, de 8 de junho de 2010. Aprova, em caráter experimental, a base doutrinária de batalhão de infantaria mecanizado, e dá outras providências.2010.
3. BRASIL. Exército. Portaria nº 041, de 9 de junho de 2010. Aprova as diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da base doutrinária de brigada de infantaria mecanizada e de batalhão de infantaria mecanizado, e dá outras providências.2010.
4. BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 17-20. Forças-tarefas blindadas. 3.ed. Brasília, DF, 2002.
5. BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 31-50. Combate em zonas fortificadas e localidades. Brasília, DF, 1976.
6. BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 2-20. Regimento de cavalaria mecanizado. 2.ed. Brasília, DF, 2002.
7. BRASIL. Exército. Estado-Maior. C 7-30. Brigadas de Infantaria. Brasília, DF, 1984.
8. BRASIL. Exército. Estado-Maior. EB20-MF-10.103. Operações. 4.ed. Brasília, DF, 2014.
9. EUA. Department of the army. FM 3-21.11. The sbct infantry rifle company. Washington, DC, 2003.
10. OLIVER, Irvine. Mechanized Forces in Irregular Warfare. Military Review, Kansas, USA, volume XCI, n. 2, p.60-68, march-april 2011.

